

Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa. Em 1859, Gentil Homem de Almeida Braga escreve o folhetim literário do *Publicador Maranhense*, de cuja redação faz parte também Joaquim Serra. Gentil permaneceria no *Ordem e Progresso*, em 1860 e 1861, passando a redator da *Coalisão*, de 1862 a 1867, ano em que seria ainda colaborador do *Semanário Maranhense*, fundado por Joaquim Serra nesse ano, após deixar a *Coalisão*, em que permanecera de 1862 a 1865. No *Semanário Maranhense* escreveram as maiores figuras daquela província: Gentil Braga, Sousa Andrade, Henriques Leal, César Marques, Sotero dos Reis, Sabas da Costa, Celso Magalhães. Em S. Paulo, Salvador de Mendonça escreve, em 1860, na revista acadêmica *O Caleidoscópio* e colabora na *Revista Popular*, editada pelo Garnier, “uma das publicações mais conceituadas do tempo”, pela qual passaram, de 1860 a 1862, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, Saldanha Marinho, Justiniano José da Rocha, Porto Alegre, Bernardo Guimarães, D. J. Gonçalves de Magalhães, Varnhagen, Lafaiete, Zacarias de Góis, além de Alexandre Herculano e os irmãos Feliciano de Castilho. Em 1861, Salvador de Mendonça iria para a Corte, interrompendo o curso jurídico e entrando para o *Diário do Rio de Janeiro*, dirigido por Saldanha Marinho, auxiliado por Henrique César Muzzio, Quintino Bocaiuva e Pinheiro Guimarães. Nesse mesmo ano, Pedro Luís Pereira de Sousa entra para a redação do *Correio Mercantil*, de que passa, em 1862, à *Atualidade*, para trabalhar com Lafaiete Rodrigues Pereira e Flávio Farnese. Joaquim Serra, o grande jornalista maranhense, viera também para a Corte, onde viria a ser redator da *Reforma*, do *Diário Oficial*, da *Folha Nova* e de *O País*.

Os homens de letras faziam imprensa e faziam teatro. Naquela, encontravam liberdade relativa para as suas criações literárias, não para os impulsos políticos; nesse, porém, nem tudo era favorável. Para qualquer peça a ser levada à cena, devia passar pela censura do Conservatório e receber o visto da polícia. Ainda assim, podia acontecer o imprevisto: as

vante romance, vazado nos moldes do indianismo de Chateaubriand e Fenimore Cooper, mas cujo estilo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimento e como perfumado pelas flores exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas. Quando a S. Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalos então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa *república*, em que houvesse qualquer feliz assinante do *Diário do Rio*, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por alguns deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora — ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor”. (Visconde de Taunay: *Reminiscências*, 2ª ed., S. Paulo, 1932, págs. 85/86). O folhetim de Alencar, assim, alcançou, dentro das proporções brasileiras, aquele prestígio que era comum na imprensa européia.